

O(s) sentido(s) em “elas são fáceis porque são pobres”: Uma análise discursiva

The meaning(s) in “They are easy because they are poor”: a discursive analysis

El(los) significado(s) de “Son fáciles porque son pobres”: un análisis discursivo

RESUMO

O objetivo deste estudo consistiu em problematizar a sobreposição do contexto sócio-histórico às circunstâncias imediatas de produção do discurso “Elas são fáceis porque são pobres”, enunciado pelo agora ex-deputado Arthur Do Val. Mobilizando conceitos da Análise do Discurso francesa aplicados ao conjunto de falas do ex-parlamentar vazados para a imprensa, a pesquisa identificou um sujeito discursivo filiado a uma formação discursiva fortemente caracterizada pela misoginia, (re)produtor de uma expressão que recupera um dos já-ditos sobre “mulher fácil” na memória discursiva dos brasileiros, e que na posição homem-público possivelmente enunciaria tal como na de homem comum, não fossem as coerções sociais.

Palavras-chave: mulher fácil; Análise do Discurso Francesa; memória discursiva; formação discursiva; interdiscurso.



Recebido em: 05 de julho de 2022
Aceito em: 31 de maio de 2023
DOI: 10.26512/les.v24i2.43964

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Iara Mola

iaramola@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4761-903>

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM),
São Paulo, DF, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

The objective of this study was to problematize the overlapping of the socio-historical context with the immediate circumstances of production of the speech “They are easy because they are poor”, enunciated by the now ex-deputy Arthur Do Val. Mobilizing French Discourse Analysis concepts applied to the set of speeches by the former parliamentarian leaked to the press, the research identified a discursive subject affiliated with a discursive formation strongly characterized by misogyny, (re)producer of an expression that recovers one of the already- sayings about “easy woman” in the discursive memory of Brazilians, and that in the public-man position he would possibly enunciate as in the common man, were it not for social constraints.

Keywords: easy women; French Discourse Analysis; discursive memory; discursive training; interdiscourse.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue problematizar la superposición del contexto sociohistórico con las circunstancias inmediatas de producción del discurso “Son fáciles porque son pobres”, enunciado por el ahora exdiputado Arthur Do Val. Movilizando conceptos de Análisis del Discurso Francés aplicados al conjunto de discursos del ex parlamentario filtrados a la prensa, la investigación identificó un sujeto discursivo afiliado a una formación discursiva fuertemente caracterizada por la misoginia, (re)productor de una expresión que recupera una de las ya- dichos sobre la “mujer fácil” en la memoria discursiva de los brasileños, y que en la posición de hombre público posiblemente enunciaría como en el hombre común, si no fuera por las constricciones sociales.

Palabras clave: mujer fácil; Análisis Del Discurso Francés; memoria discursiva; formación discursiva; interdiscurso.

Como citar:

MOLA, Iara. O(s) sentido(s) em “elas são fáceis porque são pobres”: Uma análise discursiva. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 179-199, jul./dez. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i2.43964. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)..



INTRODUÇÃO

No senso comum, parece já bem assentada a compreensão de que a cada texto corresponde um papel de enunciador situado num determinado contexto. Quando, por exemplo, uma mãe se dirige ao filho “advertindo-o” por meio de falas como “*Se continuar chorando, vai ter um motivo para chorar de verdade...*”, “*A gente ‘conversa’ quando chegar em casa...*” e “*Me responde de novo, que eu te quebro os dentes*”, as “ameaças” de que esses enunciados se revestem – e/ou que muitas vezes chegam mesmo a explicitar – não são culturalmente depreendidas como expressões de violência por parte da família. Ao contrário: agrupadas em matérias publicadas em diferentes suportes (BAZAN, 2019) e/ou recuperadas em rodas de conversa entre familiares e amigos, apresentam-se, via de regra, como objeto de humor. Todavia, se, deslocadas desses para outros papéis sociais, essas mães reproduzissem esses mesmos enunciados para outros interlocutores, a tratativa seria outra decerto.

Ocorre que, diferentemente do que se verifica em relação à posição-mãe considerada no exemplo, a dissociação entre *homem na vida privada* e *homem público* pode não ser – e/ou não é – tão bem distinguida assim. Ao menos, trata-se do resultado observado em relação aos desdobramentos nas esferas de atividade social e política relativos aos áudios de WhatsApp vazados à imprensa em 4 de março de 2022 contendo as polêmicas declarações do agora ex-deputado estadual paulista Arthur do Val (CARTA CAPITAL, 2022; PODER360, 2022), para quem, “infelizmente”, “pessoa pública”, como ele, “não tem direito nem a privacidade” (BORGES; AMARAL, 2022).

Valendo-se do aplicativo de mensagens instantâneas durante viagem à Ucrânia, na qual buscava acompanhar a guerra aí iniciada pela Rússia, Do Val – vulgo “Mamãe Falei”, como também ficou conhecido em razão do seu canal no YouTube, eleito pelo Democratas (DEM) como o segundo mais votado nas eleições de 2018 – dirigia-se, segundo ele próprio e informações posteriormente replicadas pela imprensa, a “um grupo de amigos do futebol” quando, em se reportando às ucranianas, verbalizou, entre outras, as seguintes passagens: “[...] **são fáceis porque elas são pobres [...]**”, “[...] **é inacreditável a facilidade... [...]**” e “**Essas cidades mais pobres, elas são as melhores [...]**” (CARTA CAPITAL, 2022; PODER360, 2022, grifos desta pesquisadora).

Fato é que as declarações contidas nesses áudios não foram socialmente relativizadas, não obstante o pedido de desculpas e as alegações explicitadas logo no dia seguinte à propagação desses conteúdos, quando do retorno de Do Val ao Brasil: “**Foi errado o que falei, não é isso que eu penso. O que falei foi um erro num momento de empolgação. [...] não tive tempo de fazer absolutamente nada [...]**” (CNN, 2022, grifos desta pesquisadora)], ele disse. Da mesma forma, também não o foi a sua tentativa de distinguir a atuação de dois sujeitos discursivos associados a uma mesma figura de enunciador: “[...] **Peço só que entendam os contextos. Uma coisa é o Arthur que foi lá fazer a missão que fez e saiu. Outra coisa é o Arthur que já tinha saído e**

mandou um áudio num grupo privado para os amigos dele de forma errada, descabida"; *"Não foi na melhor das posturas, é nítido aquilo. Mas, como falei, é um áudio privado"* (CNN, 2022, grifos desta pesquisadora)], alegou.

Com a ampla repercussão negativa derivada dessas falas – massivamente condenadas como sexistas –, o até então pré-candidato ao Governo de São Paulo em 2022 pelo Podemos sofreu uma série de sanções, que começaram pela retirada dessa sua candidatura e pela sua desfiliação do partido, passando pela sua saída do Movimento Brasil Livre (o MBL, no qual se destacara tanto como líder quanto como membro) e chegando a vários pedidos de cassação assinados individual ou coletivamente por mais de 20 deputados (TADEU, 2022), dos quais adviria a perda do seu mandato.

No conjunto, porém, mesmo diante da sua importância, tanto a repercussão quanto o desfecho desse processo não são o que configura o principal objeto de interesse deste trabalho, que reside na etapa anterior da qual esses resultados sobrevieram: a problematização em torno da(s) potencial(is) razão(ões) pela(s) qual(is) tamanha repercussão negativa teria se dado, culminando daí as sanções. Afinal, diferentemente do que se verifica por parte da apreciação social quanto a certos "modos de dizer" (entre os quais, novamente, se encontra o *"Toda mãe fala isso..."* no que respeita às "ameaças" que recaem sobre os filhos quando elas estão investidas da posição-mãe), por qual razão, no evento envolvendo Do Val, o contexto imediato de fala (de caráter "privado", na sua posição-homem comum) teria sido sumariamente desprezado pela opinião pública, sem uma "relativização" que enveredasse, por exemplo, pelo *"Todo homem fala isso..."*? Ou, ainda, pelo *"Todo homem fala essas coisas quando está entre amigos, como no grupo do futebol..."*?

Nesse caso, é certo que bem se poderia recorrer à observação de que, também diferentemente do que sucede a uma mãe, Do Val não é uma figura anônima, o que por si só "justificaria" a pena aplicada e encerraria aí mesmo a discussão pretendida. Contudo, se expandido esse acontecimento do cenário político que se detém especificamente sobre o ex-deputado para aquele que envolve autoridades políticas dotadas de uma posição de poder ainda mais significativa do que a dele, um rápido levantamento basta para se constatar que, dentro desse mesmo período de um novo governo à frente do Brasil, foram de muito menor alcance e/ou efetividade as mobilizações gerais acerca de outras declarações sexistas – não obstante elas serem igualmente explícitas no sentido de objetificarem sexualmente as mulheres, entre as quais estavam as próprias brasileiras, em particular.

A título de ilustração, em abril de 2019, Jair Bolsonaro "gerou polêmica ao se mostrar contrário à vinda de turistas do público LGBTQI+ para o Brasil", mas "favorável ao turismo sexual com mulheres": "[...] **'Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade'**" (SABÓIA, 2022, grifos desta pesquisadora), verbalizou. Com a ressalva de que, no caso do ex-presidente, tal fala não se deu na sua condição de sujeito discursivo "comum", dirigindo-se, por

exemplo, a uma plateia de “amigos do futebol”: ela se efetivou na condição assumida de representante máximo do Executivo, que enuncia investido desse papel social, dirigindo-se, portanto, a toda a população. E, embora diversos estados brasileiros tenham lançado campanhas contra a exploração sexual em resposta a essa fala homofóbica e machista, o “turismo sexual” incentivado por Bolsonaro não reverberou – social e, sobretudo, politicamente – com a mesma intensidade com que o “turismo sexual” atribuído à ida de Arthur do Val à Ucrânia, depois de conhecido o teor dos áudios vazados.

Assim, tomando-se a língua como objeto simbólico e a partir dos processos de significação da expressão “mulher fácil”, o objetivo deste estudo consiste em problematizar essa sobreposição do contexto sócio-histórico às circunstâncias imediatas de produção do discurso “*Elas são fáceis porque são pobres*” enunciado por Do Val.

Para tanto, parte-se da suposição de que, no que tange ao(s) efeito(s) de sentido por ele fomentado(s), do(s) qual(is) decorreu toda a repercussão negativa desdobrada na responsabilização do ex-deputado enquanto parlamentar, três aspectos, em especial, possam ter sido determinantes. Primeiro, o de que Do Val teria comprometido uma “regra básica” de silenciamento/cumplicidade nos “modos de dizer” dos homens sobre as mulheres quando eles estão entre si, isto é, o fato de, ainda que a seu total contragosto, ter tornado possível a publicização de um desses “modos de dizer” sobre elas.¹ Segundo, o de que tenha aí incidido o peso da *memória discursiva* dos brasileiros no que se refere às desqualificações a que são historicamente submetidos os sujeitos *mulher* e *pobre*, bem como o sujeito *mulher pobre* e os sentidos já mais ou menos estabilizados sobre o que configuraria a expressão “mulher fácil”. E, terceiro, o de que tenha incidido ainda o próprio peso do contexto mais amplo no qual estava situado o contexto imediato envolvendo as falas já destacadas: os efeitos danosos – já conhecidos – da guerra.

No que abrange a primeira hipótese, a pesquisa se apoia nas contribuições de Zanello (2020) para avançar um pouco mais, ainda que também em linhas gerais, na contextualização aqui resumida, assinalando-as já na primeira parte deste estudo. Isto porque, não bastasse ter emergido da conversa de um grupo masculino dentro do WhatsApp – o “do futebol” –, a misoginia presente nas declarações de Do Val se insere no campo discursivo das discussões sobre gênero (como o são o machismo estrutural e a própria violência de gênero), devendo, por isso, ser já acomodada dentro dessa conjuntura sócio-histórica, na qual falas dessa natureza se mostram *concebidas por* e ao mesmo tempo *provenientes de* um dado tipo de masculinidade, tal como ele foi sendo forjado culturalmente.

¹ Daí, inclusive, a possibilidade de se aventar, num estudo futuro, se esse também não seria um dos motivos pelos quais essa cassação do mandato teria contado com a adesão tão maciça de outros homens públicos como ele, haja vista que a votação em favor dela foi unânime e que, dos 73 deputados presentes na sessão em questão, apenas 16 eram mulheres.

No que se volta à memória discursiva, consoante a finalidade deste trabalho, foram delimitados dois *corpus*, cada qual apresentado na terceira parte do artigo: o primeiro atendeu à necessidade de que fossem recuperados os já-ditos sobre “mulher fácil”, e o segundo permitiu que, com base no conhecimento desses já-ditos, o(s) efeito(s) de sentido suscitado(s) por Do Val mediante as suas falas pudesse(m) ser mais bem depreendido(s) – assim também facultando, por extensão, a compreensão mais efetiva acerca da própria repercussão e das contrapartidas dele oriundas.

Já a respeito da guerra entre Rússia e Ucrânia, interessa destacar o que sintetizava o momento inicial desse confronto, no qual se fixa o próprio vazamento dos áudios com as falas do ex-parlamentar: ela teve início em 24 de fevereiro de 2022, quando “[...] Militares russos entraram na Ucrânia por mar, ar e terra fortemente armados, com fuzis, tanques blindados e aviões de alta tecnologia [...]” (SANTOS, 2022). Portanto, desse dia até a data em que as declarações de Do Val viriam a público, em 4 de março, transcorreram praticamente uma semana, durante a qual o mundo todo assistia, perplexo, ao desespero de milhares de civis – de crianças a idosos – em busca de “alternativas” para escapar aos desastres de um conflito que ainda se arrastaria por muito tempo.

Por fim, visando a alcançar o objetivo proposto, o trabalho se ancora no dispositivo teórico-metodológico disponibilizado pela Análise do Discurso de linha francesa – doravante, também “AD” –, mobilizando os conceitos de *memória discursiva*, de *formação discursiva* e de *interdiscurso* principalmente a partir de Orlandi (2013), a fim de desvelar o processo de significação do qual resultou, senão toda, parte da repercussão nas esferas social e política a que o hoje ex-deputado estadual foi chamado a responder. Pincelada nas suas proposições mais essenciais, essa teoria é explicitada na segunda parte deste trabalho, antecedida somente por uma rápida explanação das bases da disciplina na qual se engendra. Quanto à análise, reservada à terceira parte, posterior à apresentação dos *corpora*, seguem as considerações finais e as referências que tornaram esta pesquisa possível.

1. DA MISOGINIA NA FALA INDIVIDUAL MASCULINA AOS GRUPOS MASCULINOS QUE A SUSTENTAM SÓCIO-HISTORICAMENTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Discorrendo sobre em quê o fato de “ser ‘homem’ favorece ou contribui para as violências”, Zanello (2020, p. 80) desenvolve um estudo no qual esse tema é tratado em uma perspectiva histórica e cultural, situada também no campo dos estudos de gênero. Logo, isso significa que a pesquisadora parte do princípio de que “não se nasce homem”: “torna-se homem”, de modo que “existem certas formas de masculinidade que são interpeladas, pela cultura, em determinado momento histórico”, sendo que, no caso do Brasil, a forma de masculinidade predominante “é danosa para os próprios homens e para todos e todas aqueles/aquelas com quem eles têm convivido”, como a própria psicóloga considera, baseada nos dados com que introduz a pesquisa.

Alinhada aos estudos que dialogam com os movimentos feministas, Zanello (2020, p. 81) entende “gênero como uma categoria essencialmente política, que, como tal, é eminentemente relacional, passando pela distribuição desigual de poderes e privilégios”, implicando, pois, a impossibilidade de se “pensar as masculinidades sem relacioná-las às mulheres”. E, estudiosa dessa temática, ela explica que **“a masculinidade se constrói sobre um repúdio específico, a misoginia, sendo ela a argamassa afetiva da casa dos homens”** (p. 83, grifos desta pesquisadora). E que, se, em diversas situações – tais como no próprio feminicídio –, essa misoginia pode ser claramente identificada, existem outras nas quais ela “causa confusão”, a exemplo de quando “parece exaltar as mulheres”, como no caso da objetificação sexual.

Assim, ao se deter sobre as masculinidades e a misoginia “no funcionamento da lógica da casa dos homens², brasileiros, em grupos exclusivamente masculinos de WhatsApp” (ZANELLO, 2020, p. 83), a autora chega à formulação de seis categorias de análise, avaliadas conforme a frequência e a repetição com que se deram nesses grupos – quatro deles eram compostos por sujeitos de classe média e, dois, por sujeitos de classe média-alta, entre brancos e negros de todas as regiões do Brasil.

Das seis categorias, no entanto – e não obstante a importância de se conferir cada vez mais visibilidade a cada uma –, somente uma delas é notabilizada neste trabalho, por ser a mais pertinente à melhor compreensão da própria formação discursiva (tal como se recuperará na seção adiante) na qual se constrói o sujeito discursivo Arthur do Val: a objetificação sexual das mulheres como “prova” de que se é homem, a qual é apontada por Zanello (2020, p. 84) como “a mais recorrente e volumosa nos compartilhamentos”. Isto porque é nela que sobressai a ideia de que “um verdadeiro ‘macho’” é “aquele que aproveita todas as chances de ‘comer’ uma mulher ou de, pelo menos, vê-la como uma possível presa” (p. 85), assim como Mamãe Falei sinalizaria ter visto, ao associar mulheres refugiadas da guerra a “[*presas*] fáceis”, conforme seguirá sendo analisado.

Ademais, além de os homens as assimilarem como “coisas sexuais”, é nessa categoria que se verifica a necessidade masculina de que não seja perdida qualquer oportunidade de se “comer” essas mulheres, sendo esse um dos verbos empregados corriqueiramente nos próprios grupos analisados – os quais Zanello (2020, p. 85) manteve “para trazer à baila uma semântica própria da broderagem e já associada a certa forma de um olhar (treinado na

² Termo cunhado por Daniel Welzer-lang (2011 *apud* ZANELLO, 2020, p. 82) e tomado emprestado pela autora, que explica se tratar de “uma metáfora que aponta para o caráter altamente homoafetivo das masculinidades”, posto que “quem avalia os homens são os próprios homens”, e não as mulheres. Ainda sobre essa metáfora, “[...] Essa casa seria constituída por vários cômodos simbólicos e para atravessar de um a outro mais “alto” (especial), seria necessário ser avaliado por outros homens que já atravessaram as mesmas provas”, sobressaindo daí a conclusão de que “O que gere a casa dos homens é a cumplicidade” (KIMMEL, 2009, 2016 *apud* ZANELLO, 2020, p. 82). Uma cumplicidade levada a efeito mediante “um silenciamento que visa proteger os ‘brothers’ antes e acima de qualquer situação”.

masculinidade hegemônica) sobre as mulheres, o qual é interpelado e deve ser compartilhado (para pertencer ao grupo da casa dos homens)”.

E, uma vez que esses homens não podem perder a oportunidade de (tentar) “comer” qualquer mulher da sua convivência – desde “a prima da esposa, a professora de dança da filha e a vizinha” até “a moça da padaria” (ZANELLO, 2020, p. 85), que estão no seu entorno mais próximo –, por que as ucranianas, conhecidas pela peculiaridade da sua beleza e objeto do desejo sexual masculino nas suas aspirações mais distantes, seriam deixadas “passar”, ainda que na condição de refugiadas da guerra?

2. MEMÓRIA DISCURSIVA, FORMAÇÃO DISCURSIVA E INTERDISCURSO: ALGUNS DOS CONCEITOS DA AD

Nascida sob o signo da articulação entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, a Análise do Discurso de tradição francesa foi elaborada a partir dos conceitos de *discurso*, *sentido*, *sujeito* e *condições de produção* (MUSSALIM, 2004). Até então, o percurso dos estruturalistas (anos 1950 e 1960) fora marcado pela deliberada exclusão do sujeito, para os quais a língua era vista como objetivada, padronizada, possível de ser analisada cientificamente, estudada a partir de regularidades, sendo que as influências externas, geradoras de irregularidades, não afetavam o sistema por não serem consideradas partes da estrutura. A língua, portanto, não era apreendida na sua relação com o mundo, mas como um sistema fechado sobre si mesmo.

Foi no final da década de 1960 que houve uma subversão do paradigma reinante, quando o *sujeito* passa a ser o centro do novo cenário e é encontrado na Psicanálise, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia. É precisamente na AD, então, que ele se torna a noção central do quadro teórico do discurso, apresentado na concepção freudiana como sendo “clivado”, dividido entre o consciente e o inconsciente – o “Outro” –, pelo qual é constantemente atravessado.

Tendo na França um dos principais lugares onde se deu o seu desenvolvimento, graças a grandes contribuições como as publicações de Michel Pêcheux e Foucault – *Análise automática do discurso* e *Arqueologia do saber*, respectivamente (MAINGUENEAU, 2015) –, a AD se tornou uma disciplina autônoma, que compreende que nenhum discurso pode ser analisado independentemente do contexto sócio-histórico no qual é produzido, postulando-se aí a relação que contempla entre *língua*, *sujeito* e *história*.

Nessa mesma linha, discorrendo a respeito do que são as chamadas “condições de produção” – que “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” –, Orlandi (2013, p. 30) acrescenta que “Também a memória faz parte da produção do discurso”. Em suas palavras, trata-se da maneira segundo a qual a memória “‘aciona’, faz valer” as condições dessa produção, sendo essa uma perspectiva que a leva a ser também assimilada como “interdiscurso”:

[...] Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos **memória discursiva**: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra tomada. **O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada [...]** (ORLANDI, 2013, p. 31, grifos desta pesquisadora.)

Acerca, portanto, dessa memória discursiva, dada a inextricável relação *língua-sujeito-história*, o que a teoria discursiva defende é que “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2013, p. 31).

Assim, no que se aplica à expressão “mulher fácil”, o que essa base teórica propõe – por ter em vista que nenhum discurso “nasce” no momento da enunciação, mas, sim, que os discursos vão sendo produzidos no interior dessa rede interdiscursiva, na qual vão sendo tecidas relações de aliança, de antagonismo ou de aparente neutralidade – é que existe um “saber discursivo” que tanto “tornou possível” esse dizer por parte de Arthur do Val quanto “retornou sob a forma de um pré-construído”. E que, justamente em razão desse “retorno”, no qual “outros dizeres” sobre “mulher fácil” já estão abarcados – bem como sobre “mulher pobre” e sobre “mulher pobre ser fácil” –, afetaram o modo como esse sujeito discursivo produziu sentido em uma situação discursiva dada. Afinal, “[...] O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas [...]” (ORLANDI, 2013, p. 32).

Sobre esse sentido produzido, importa salientar, contudo, que ele não deve ser tomado com um sentido pelo qual se pudesse/se possa ponderar que esse enunciador tivesse/tenha sido “prejudicado”, já que aquilo que “mulher fácil” significa ultrapassa o universo da intencionalidade particular para remeter àquilo que significa como resultado de um entendimento socialmente construído: antes, o discurso sobre a “mulher fácil” explicitado na fala desse sujeito revela a sua relação de adesão para com aquilo que ele significa em um dos seus sentidos possíveis (poderia, por exemplo, ter sido de oposição), permitindo que se entreveja aí a ideologia por meio da qual tanto essa fala quanto essa adesão se dão.

Dado que, como já se pontuou, nenhum discurso nasce dissociadamente de outros, mas, sim, junto a discursos outros com os quais se relaciona dialogicamente, embora nem sempre de maneira explicitada – Maingueneau (2008) distingue esse conceito como um sistema de restrições e coerções globais, uma vez que é por meio da *interdiscursividade* que se encontra um espaço de embate de diversas formações discursivas –, daí o porquê de o *interdiscurso* passar à condição de unidade de análise pertinente à investigação do analista que se debruça sobre o estudo do discurso.

Já quanto a essas “diversas formações discursivas”, sabe-se que a *formação discursiva* é “básica [ainda que “polêmica”] na Análise do Discurso”, conforme pondera Orlandi (2013, p. 43), definindo-se, de maneira bastante sintetizada, como “aquilo que numa formação ideológica dada –

ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e o que deve ser dito”.

Logo, nesse sentido, tem-se que, como ponto de partida, a formação discursiva a que Do Val se filiaria, socio-historicamente, é aquela dos homens identificados com o tipo de masculinidade hegemônica (ZANELLO, 2020), marcado pelo seu cunho machista-sexista-misógino, no qual – entre outras falas e comportamentos – eles objetificam sexualmente as mulheres a fim de se atestar como tal perante outros homens. Inclusive, fazendo-o muitas vezes de maneira dissimulada, sob a alegação de “estarem brincando” ou “fazendo uma piada”, mascarando a violência a pretexto de “humor”.

“Oficialmente”, porém, Do Val se apresentava apenas como homem branco, de 35 anos, heterossexual [três informações que, até aqui, ainda sob essa perspectiva sócio-histórica, já o alçariam à condição de potencial enunciador filiado a essa formação discursiva, característica de uma forma de masculinidade amparada na misoginia (ZANELLO, 2020)], natural de São Paulo, formado em Engenharia Química, empresário, deputado estadual, defensor dos “princípios liberais” e da “defesa dos interesses dos indivíduos a [sic] mercê do agigantamento do estado” (ARTHUR..., [2019]).

3. DOS CORPORA À ANÁLISE: O QUE DIZEM OS JÁ-DITOS DO QUE FOI DITO “DE NOVO”

Em relação à constituição do primeiro *corpus* constituído para a problematização pretendida, o *campo discursivo* (MAINGUENEAU, 2008) selecionado para a averiguação dos *já-ditos* a respeito de “mulher fácil” foi o próprio campo acadêmico, no qual, tendo-se em vista a sua função social, se estimou lograr o achado de estudos que possibilitassem o acesso mais bem delineado às formações discursivas por entre as quais essa expressão já circulou – e, por conseguinte, aos efeitos de sentido daí mais ou menos já estabilizados mediante esse uso. Para tornar isso efetivamente possível, no entanto, faltava ainda contemplar o *espaço discursivo* (MAINGUENEAU, 2008), isto é, um subconjunto de formações discursivas cuja relação esta analista julgasse pertinente para o propósito desta pesquisa. Nesse caso, tal subconjunto foi constituído por sete artigos acadêmicos e um capítulo de livro, todos eles coletados de uma mesma plataforma: o Google Acadêmico.

Em consulta efetuada em março no Google Acadêmico por meio da expressão-chave “mulher fácil” – digitada entre aspas, a fim de que as palavras não fossem localizadas dissociadamente uma da outra –, o buscador elencou 684 resultados, dos quais foram destacados os oito primeiros, relativos à primeira página: os de França (2013), Queiroz (2016), Aragão (2016), Morga (1995), Novaes e Rossi (2018), Monteiro e Coutinho (2020), outro de Queiroz (2019) e Salustino e Rodrigues (2018), na ordem em que apareceram. Os dois últimos resultados abrangidos pelo Google Acadêmico nessa primeira página consistiam em citações.

Realizadas a leitura e a análise de todas as publicações selecionadas³, o sentido de “mulher fácil” depreendido de cada uma delas foi contemplado no Quadro 1, cuja síntese serve de base à análise do segundo *corpus*.

Quadro 1 – Síntese do sentido depreendido de “mulher fácil” em oito estudos.

MORGA (1995)	• mulher que dá vazão à própria libido, relacionando-se sexualmente com quem for de seu interesse (que “se entrega”, “por amor”).
FRANÇA (2013)	• mulher que, ao mostrar partes do próprio corpo no seu modo de vestir, passa a ser considerada “oferecida”, facilmente “passível de aliciamento” – caso da brasileira.
QUEIROZ (2016, 2019)	• mulher que se prostitui buscando o próprio sustento, obtendo dinheiro como contrapartida aos serviços sexuais por ela prestados.
ARAGÃO (2016)	O mesmo encontrado em Queiroz (2016, 2019).
NOVAES; ROSSI (2018)	O mesmo encontrado em França (2013).
SALUSTINO; RODRIGUES (2018)	• O mesmo encontrado em Morga (1995). • O mesmo encontrado em França (2013).
MONTEIRO; COUTINHO (2020)	• mulher que dá vazão à própria libido, relacionando-se sexualmente com quem for de seu interesse, indiferente às coerções sociais – “depravada”, “desregrada”; • mulher passível de aliciamento.

Fonte: Elaborado pela autora com base em cada pesquisa, 2022.

Em relação ao segundo *corpus*, especificamente, este consistiu no conjunto das falas de Arthur do Val envolvendo o “são fáceis porque elas são pobres” nos áudios vazados para a imprensa. Fielmente reproduzidos conforme a transcrição da fonte identificada (PODER360, 2022), os fragmentos em destaque configuram o total daqueles que interessam a esta análise; aqueles não destacados – conquanto também sejam relevantes por expressar o ponto de vista do seu enunciador – foram desconsiderados nesta investigação por não corresponderem àquelas apreciações que envolvem mais diretamente o estigma “ucraniana = mulher fácil = mulher pobre”:

[1] Mano, só vou falar uma coisa para vocês: acabei de cruzar a fronteira a pé aqui, da Ucrânia com a Eslováquia. Maluco, eu juro, eu nunca na minha vida, tenho 35 anos, nunca vi nada parecido em termos de mina bonita. A fila das refugiadas irmão... Imagina uma fila sei lá, eu tô sem palavras. Uma fila sei lá de 200 metros ou mais, só deusa. É sem noção, cara, é inacreditável, é um bagulho fora de série. Se você pegar a fila da melhor balada do Brasil, na melhor época do ano, não chega aos pés da fila de refugiados aqui. Eu tô mal, to triste porque é inacreditável (PODER360, 2022).

[2] Detalhe, hein, mano, detalhe. Elas olham hein. E vou te dizer: são fáceis porque elas são pobres. E aqui cara, minha carta do Instagram, cheia de inscritos, funciona demais. Depois eu conto a história. Não peguei ninguém mas eu coleí em duas minas, que a gente não tinha tempo, em 2 grupos de mina, e é inacreditável a facilidade. Essas minas em São

³ Atendendo às coerções do gênero artigo acadêmico, optou-se pela supressão da análise mais minuciosa desses materiais, a fim de que pudesse ser privilegiada a análise principal que essa primeira buscava tão somente viabilizar.

Paulo você dá bom dia e elas iam cuspir na sua cara. E aqui elas são simpáticas, super gente boas... (PODER360, 2022)

[3]Mano, eu tô mal. Eu passei agora por quatro barreiras alfandegárias. São duas casinhas em cada país. Mano, eu juro pra você eu contei: são 12 policiais deusas. Mas deusas que você casa e faz tudo que ela quiser. Assim, eu tô mal. Eu não tenho nem palavras para expressar. Quatro dessas eram minas assim que você, mano, nem se te dizer, se ela cagar você limpa o cu dela com a língua. Inacreditável **Assim que essa guerra passar vou voltar para cá...** (PODER360, 2022)

[4]O Renan faz uma viagem todo ano. É que nos últimos 3 anos ele não fez. Ele chama 'tour de blond'. O que ele faz? Ele viaja os países e vai só para pegar loira. Ele tem técnicas já. Ele já está avançado. Para começar que ele fala sueco, então assim, o cara é viciado nisso. E ele me umas dicas, por exemplo, você nunca pode ir para as cidades litorâneas. Você nunca pode ir para as cidades que tenham as melhores baladas. Tem que ir para as cidades normais, porque daí você pega as minas assim. Você não pega na balada, não pega na praia. Você pega ela no mercado, na padaria. Que nem a recepcionista do hotel que veio para cima de mim aqui, eu, meu Deus, falei 'não é possível que isso esteja acontecendo'. É uma mentira, um filme, isso não é possível. E é isso.... **Essas cidades mais pobres, elas são as melhores. É assim, juro por Deus, é outro mundo. Eu tenho 35 anos cara, eu nunca vivi isso. E eu nem peguei ninguém aqui. Eu não peguei ninguém aqui. Mas só a sensação de saber o que eu poderia fazer, e sentir como é o game, enfim, já sabem né? Já estou comprando minha passagem para o leste europeu pro ano que vem, assim que chegar em São Paulo** (PODER360, 2022).

Na totalidade das falas de Arthur do Val, verifica-se, portanto, que ele não chega a verbalizar a expressão “mulher fácil” ou “mulheres fáceis”: a palavra “mulheres” fica subentendida no contexto, quando, referindo-se às ucranianas como “minas bonitas”, ele, no segundo excerto, as recupera pelo pronome pessoal, dizendo que **“Elas olham [...]”** e acrescentando “[...] E vou te dizer: **são fáceis** porque **elas** são pobres [...]” (PODER360, 2022, grifos desta pesquisadora).

Na mesma direção, são duas as indicações, no próprio texto, de que o enunciador se refere às ucranianas, não bastasse o pedido de desculpas feito por ele posteriormente, no qual essa relação entre “elas” e essas mulheres foi ratificado. Primeiro, o “aqui”, de que ele se utiliza como dêitico espacial, o situa exatamente na fronteira entre a Ucrânia e a Eslováquia, sendo que a sua viagem fora, declaradamente, para a Ucrânia. Segundo, tendo-se em vista o contexto de guerra por parte da Rússia contra a Ucrânia, as “refugiadas” que faziam fila para fugir do país atacado eram, portanto, as ucranianas. Assim, por “elas”, o então deputado abarcava todo o grupo de mulheres ucranianas que, não obstante ser conhecido pelo senso comum como um dos grupos de mulheres mais bonitas de todo o mundo, se encontrava, no exato momento desse enunciado, sob condição de extrema vulnerabilidade, dados os terrores constitutivos desse tipo de conflito.

Recuperando-se o Quadro 1 elaborado na seção anterior, a fim de esmiuçar um pouco mais a questão da memória discursiva na qual os sentidos de “mulher fácil” já se encontram mais ou menos estabilizados, tem-se que eles são valorados negativamente na sua quase totalidade.

Ocorre que, analisando-se agora de forma mais pormenorizada cada um dos quatro fragmentos, tem-se que, uma vez que, já no primeiro enunciado, as “minas bonitas” que Do Val propagandeia aos amigos a fim de “se provar” como homem diante deles (ZANELLO, 2020) são aquelas que, na transcrição, estão na mesma linha que as “refugiadas” em fila, os sentidos segundo os quais essas seriam mulheres se prostituindo em busca do próprio sustento [obtendo dinheiro como contrapartida aos serviços sexuais por elas prestados, tal como se viu nos estudos de Queiroz (2016, 2019) e de Aragão (2016) (terceira e quarta linhas do Quadro 1)], já seriam tomados, por si sós, como “absurdos”. Ora, eram “refugiadas”, e não “prostitutas”! Logo, a expressão “mulher fácil”, até então identificada por essas pesquisadoras como lexias que também constituem a grade semântica da prostituição, não se aplicaria às ucranianas: pelo contrário, ela as insultaria. Afinal, ainda que, em meio a essa fila, pudessem existir (e/ou tenham mesmo existido) profissionais do sexo, ela possível/provavelmente se constituía/se constituiria de mulheres das mais diferentes idades e cujas atividades de trabalho eram/seriam também as mais variáveis, desde donas de casa até outras funções socialmente mais prestigiadas.

No todo, porém, à parte a distinção também encontrada no estudo de Monteiro e Coutinho (2020) entre as “mulheres fáceis” e aquelas “honestas” (que são, por simples oposição, as “não fáceis”, na última linha do Quadro 1), o que parece sobressair é o entendimento de que, pelo próprio contexto (bem como pelas notícias fortemente veiculadas pela mídia na cobertura dessa guerra), as ucranianas nessa fila não estavam investidas do papel social de “mulheres fáceis”: como bem as designou o próprio Do Val, eram todas “refugiadas”. Nessa fila de “sei lá de 200 metros ou mais” (PODER360, 2022), elas não configuravam um reduto de “só deusas”. Até porque, ironicamente, se elas assim o fossem, não seriam exatamente o que eram naquele momento – “refugiadas”.

No mais, ainda sobre esse primeiro excerto, ao manifestar todo o impacto que a beleza das ucranianas teria causado sobre os seus próprios sentidos “[...] É sem noção, cara, é inacreditável, é um bagulho fora de série. [...]” (PODER360, 2022), provando-se mais uma vez como homem aos amigos (ZANELLO, 2020)], Do Val propõe uma comparação aparentemente condizente, no que se refere exclusivamente a “filas”, mas absolutamente insustentável quando essas filas são situadas no contexto daquilo a que cada uma se destina: “[...] Se você pegar **a fila da melhor balada do Brasil, na melhor época do ano**, não chega aos pés da **fila de refugiados aqui [...]**”. Uma, portanto, é “a fila da melhor balada no Brasil, na melhor época do ano”; a outra, a que ela faria “oposição”, é a “fila de refugiados” da Ucrânia, naquilo que já se registra como o pior momento da história do país.

Desse modo, também se pode aventar que, ainda que muitas das mulheres da referida fila viessem a estar na posição-prostitutas, a sua designação como “mulheres fáceis” tenderia a, no

mínimo, parecer “insensível”. Afinal, mesmo que, dos tempos mais remotos até os dias atuais, ainda prepondere a relação prostituição-pobreza, a prostituição hipotética por parte dessas mulheres não se daria em razão da sua “facilidade”, mas, antes, se explicaria em função da sua dificuldade num contexto que possivelmente não figuraria à opinião pública tão somente como “uma escolha”, mas como “um ato de desespero” – de novo, eram “refugiadas”. O próprio deputado assinala isso por duas vezes, situando-as nessa condição, nesse papel social.

No segundo fragmento, Do Val chama atenção dos amigos para o fato de que as ucranianas “olham” “[...] Detalhe, hein, mano, detalhe. Elas olham hein. [...]”], ao que emenda: “[...] E vou te dizer: são fáceis **porque** elas são pobres. [...]” (PODER360, grifo desta pesquisadora)]. A começar por esse último fragmento, observa-se que o enunciador estabeleceu aí, por meio de uma oração subordinada explicativa, uma relação entre as mulheres “serem fáceis” e “serem pobres”, de modo que se poderia deduzir que, “porque são pobres”, as mulheres “são fáceis”. Ou, ainda, que toda mulher que é “pobre” é uma “mulher fácil”. Assim, por meio desse silogismo (1. “Toda mulher pobre é ‘fácil’”; 2. As mulheres ucranianas são/estão pobres; 3. Logo, as mulheres ucranianas são ‘fáceis’”), eis que, não bastasse o seu caráter sexista, Do Val também ventilou um sofisma, dada a inconsistência dessa própria estrutura de raciocínio que, ao menos no Brasil, o próprio senso comum rejeitou.

Ademais, além da manifesta rejeição por parte da sociedade em relação a essa declaração, observa-se ainda que, de volta aos sentidos de “mulher fácil” levantados no Quadro 1, por mais que Queiroz (2016, 2019) e Aragão (2016) tenham desvelado o entendimento de “mulher fácil” como o de “prostituta” (que pratica o ato sexual por dinheiro, na terceira e na quarta linhas), nada se explicitou a respeito da sua pobreza, especificamente. Isto porque não basta ser “pobre” para ser prostituta. Por essa razão, tanto essa formulação quanto a sua designação aplicada às ucranianas redundariam num sentido potencialmente reprovado.

Logo, essa é uma associação que só explicaria, mais uma vez, ante a necessidade de “se provar” como homem aos amigos. Nesse caso, mais do que atribuir “facilidade” a mulheres em situação de extrema vulnerabilidade, a ênfase na fala de Do Val recairia justamente sobre a (suposta) “facilidade” de ele, como homem, “pegar” todas aquelas que quisesse, se tivesse desfrutado essa oportunidade. Porque, dessa sua ótica autoconfiante, se *ele* quisesse, *e/le* conseguiria – o que implica que, ainda que não o tivesse feito, a sua validação como homem junto aos amigos estaria assentada na simples manifestação do seu desejo. E daí o entendimento que remonta à Zanello (2020, 85) quanto ao “verdadeiro ‘macho’” nos grupos masculinos de WhatsApp, porque ele “aproveita todas as chances de ‘comer’ uma mulher ou de, pelo menos, vê-la como uma possível presa”.

A esse respeito, inclusive, tanto é preciso aproveitar a oportunidade de “comê-las” que, diante dessa impossibilidade de fazê-lo imediatamente, durante a viagem em curso, Mamãe Falei desabafa no terceiro excerto: “Mano, eu tô mal”, “[...] Assim, eu tô mal” (PODER360, 2022). E, no

mesmo fragmento, projetando-se como um homem que “não deixará a oportunidade passar”, planeja: “[...] Assim que essa guerra passar vou voltar para cá...”. E, na última passagem, repete esse mesmo movimento de pesar e de projeção: “E eu nem peguei ninguém aqui. Eu não peguei ninguém aqui. Mas só a sensação de saber o que eu poderia fazer, e sentir como é o game, enfim, já sabem né? Já estou comprando minha passagem para o leste europeu pro ano que vem [...]”.

Antes, no entanto, de efetivamente passar às minúcias do terceiro e do quarto excertos, há que se destacar ainda a primeira parte do segundo trecho analisado, ou seja, o “detalhe” de que “elas olham”, na percepção do enunciador, pois essa informação também pode servir de base à conclusão de que “elas são fáceis”, não obstante a causalidade explicitada se dar por meio do emprego de “porque”.

Nesse caso, sucede que, ainda que, pelo simples fato de “olharem”, Do Val pudesse deduzir que esse seria um “indício de facilidade”, a ação de “olhar” não integra o conjunto de ações social-discursivamente “previstos” para que uma mulher seja considerada “fácil”. Inclusive, quando, logo adiante, ainda nessa passagem, ele acrescenta que “[...] é inacreditável a facilidade. Essas minas em São Paulo você dá bom dia e elas iam cuspir na sua cara. E aqui elas são simpáticas, super gente boas...” (PODER360, 2022), poder-se-ia objetar aí, a contar pela sua própria menção à “simpatia” e ao “supergente boa”, que o enunciador confundiria “educação”, “solicitude” e até mesmo a própria “simpatia” com “facilidade”.

De volta a Monteiro e Coutinho (2020), a partir das definições por elas próprias recuperadas (e sintetizadas na última linha do Quadro 1), tem-se que, para que uma mulher seja considerada “fácil”, ela deve “se entregar a uns e outros, por interesse ou mera depravação”, deve “desrespeitar franca e abertamente as convenções sociais”, deve “ser de vários homens”, “desregrada e de costumes dissolutos”, desprovida do “mínimo de ética sexual exigível”. Ora, “olhar” não dá conta desse tipo de comportamento, tampouco insinua a prostituição propriamente dita. E, “de quebra”, agora de volta aos estudos de França (2013) e de Novaes e Rossi (2018) (respectivamente, na segunda e na quinta linhas do Quadro 1), também não indica, por si só, que essas mulheres sejam/fossem “passíveis de aliciamento”.

Nessa direção do “aliciamento” a que poderiam ser mais suscetíveis, importa ainda acrescentar que as duas últimas pesquisas em questão se debruçaram sobre a representação da mulher brasileira mediante a exploração do seu corpo, de maneira que o sentido de “facilidade” a ela atribuído se constitui de um conjunto de peculiaridades que, sócio-histórica e culturalmente, a ultrapassam, tal como já pontuado (FRANÇA, 2013; NOVAES; ROSSI, 2018). Assim, a imagem dessa “mulher fácil” vinculada à brasileira se articula à imagem construída pelo próprio Brasil como nação, sobre a qual influem até mesmo os aspectos do seu clima tropical, do qual redundou também uma cultura na qual, aos poucos, foi-se normalizando um determinado modo de vestir feminino. E um modo de vestir que, lido sob outras perspectivas, situadas em outros contextos nos quais

predominam temperaturas preponderantemente mais amenas – como no continente europeu –, pode favorecer esse sentido apreendido de “oferecimento”, de mulheres “passíveis de aliciamento”.

Ocorre, contudo, que esses fatores – sobre os quais este trabalho não busca qualquer justificativa – não se reproduzem sócio, histórica e/ou culturalmente no cenário ucraniano. Nele, portanto, faltariam elementos que facultassem essa compreensão de que o “olhar” já descortinaria, por si mesmo, essa “facilidade” reiterada por Do Val. Afinal, na memória discursiva que talvez se possa dizer “global”, consta que “as mulheres brasileiras são fáceis”; o mesmo não se diz em relação às europeias – se é que isso já tenha sido alguma vez cogitado.

Em relação ao terceiro excerto do *corpus*, nele, mais uma vez, se destaca o emprego da palavra “guerra” – em “[...] Assim que essa guerra passar vou voltar para cá...” (PODER360, 2022). Isto porque, por mais que, posteriormente, o próprio enunciador tenha “pedido para que se entendessem os contextos” [porque “Uma coisa é o Arthur que foi lá fazer a missão que fez e saiu. Outra coisa é o Arthur que já tinha saído e mandou um áudio num grupo privado para os amigos dele de forma errada, descabida”] (CNN, 2022), tem-se que o contexto da guerra era/foi algo comum tanto ao homem público que saiu em “missão” quanto ao homem interagindo num grupo privado. Em outras palavras, a guerra atravessava o enunciado de qualquer que fosse o sujeito discursivo em questão. Tanto que, na superfície linguística do enunciado, estão “as refugiadas”, “a fila de refugiados” e “essa guerra”.

Por fim, no quarto excerto, Do Val retoma a associação entre a “facilidade” que teria vislumbrado no contato com as ucranianas (porque essas seriam mulheres “fáceis) e a pobreza: “[...] Essas **idades mais pobres**, elas **são as melhores**. [...]” (PODER360, 2022). Não fosse por se tratar de um sofisma, aventa-se que a própria ênfase dada à “pobreza” em associação a mulheres “refugiadas”, quaisquer que fossem as suas origens, bastaria para que, no momento sócio-histórico atual, a opinião pública daí exaltasse a vulnerabilidade humana interpelada pela vulnerabilidade econômica e social – e não a “facilidade” das vítimas da guerra. Além disso, tem-se, novamente, que a “facilidade” mencionada seria muito mais uma percepção própria acerca das possibilidades que o ex-parlamentar vislumbrava desfrutar, afirmando-se como homem aos amigos (ZANELLO, 2020), do que uma característica das refugiadas da guerra.

Em suma, o estudo sugere que o conjunto de falas analisadas indica “um modo de dizer” indissociavelmente atrelado aos aspectos sócio-históricos e culturais de uma comunidade discursiva a que, como sujeito discursivo investido do papel social de homem público ou não, o sujeito Do Val pertence, desvelando um modo de pensar e, por conseguinte, de ser e de se comportar que parece totalmente orientado pelo tipo de masculinidade hegemônico (ZANELLO, 2020).

Assim, conquanto, no dia seguinte ao vazamento do áudio, o mesmo enunciador tenha afirmado “Foi errado o que falei, não é isso que eu penso. O que falei foi um erro num momento de empolgação. [...]” (CNN, 2022), o que a teoria revela é que, como todo sujeito, Do Val “[...] significa

em condições determinadas”: de um lado, está impelido “**pela língua**”; de outro, “**pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva**”; no todo, “**por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas**” (ORLANDI, 2013, p. 53, grifos desta pesquisadora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base unicamente na materialidade linguística analisada no decorrer deste trabalho, não é possível afirmar que a sobreposição do contexto sócio-histórico às circunstâncias imediatas de produção do discurso de Do Val, cujos áudios vazaram em março de 2022, teria também se dado com base na publicização de “um modo de dizer” sobre as mulheres que, por sua vez, teria impactado na lealdade e na cumplicidade que sustentam os próprios modos de funcionamento desses discursos misóginos. Entretanto, se essa é uma constatação que o exame do *corpus* delimitado não faculta por um lado, de forma a tornar possível a validação do primeiro pressuposto, há, por outro, aquilo que ele permite identificar claramente: a manifestação da objetificação sexual das mulheres como uma “prova” que, na sua conversa com o “grupo de amigos do futebol”, Do Val lhes daria de que “é homem”. E, embora essa não tenha sido a tônica dada a este trabalho, fato é que a incorporação desse contexto, abrangendo a posição do sujeito na conjuntura sócio-histórica na qual falas como a do ex-deputado se engendram e se mantêm em circulação, também contribui para com este e outros estudos no sentido de ressaltar, para além dos já-ditos recuperados, os meandros ideológicos e identitários que constituem, então, essa forma de masculinidade que ainda hoje impera por todo o país.

Já quanto aos já-ditos envolvendo a expressão “mulher fácil” e/ou a associação “mulher pobre = mulher fácil” que poderiam ter sido evocados na memória discursiva da sociedade brasileira a partir das declarações de Do Val, o que a investigação permitiu verificar foi que o sentido de “mulher fácil” empenhado por ele não foi o mesmo que aquele encontrado na literatura do século XIX, nem aquele empregado pelos personagens do sul da Bahia de Jorge Amado no século XX ou pelas moradoras de capitais nordestinas, assim como também não o foi em relação ao entendimento do antigo Código Penal. Todavia, validando a segunda hipótese, ele guarda alguma correspondência com o sentido que recai sobre a imagem nacional e internacionalmente já consolidada sobre as próprias brasileiras, mesmo que as ucranianas não estivessem “exibindo os seus corpos”, fazendo crer que isso indicasse algum “oferecimento”.

Ademais, ainda quanto à problematização pretendida no objetivo em si, tem-se que, ao extrapolar a circunstância imediata da sua produção (no caso, a da mensagem “em caráter privado” emitida ao grupo de amigos já reportado), o estudo permite inferir que a maior particularidade dos sentidos socialmente suscitados por esse discurso residiria justamente no contexto mais amplo no

qual esse enunciador se encontrava, por abranger um cenário de guerra que impactou negativamente o mundo todo – o que, por sua vez, valida a terceira e última suposição. E num mundo todo que ainda buscava se reerguer (humana, política, social e economicamente), depois de dois longos anos de uma batalha travada contra a pandemia da Covid-19, da qual, entre outros efeitos devastadores, resultaram milhões de vidas perdidas e o acirramento da miséria da população em diversos países. E foi nesse cenário que, no mesmo conjunto de falas, “as minas bonitas” e “fáceis” que o sujeito discursivo desejava “pegar” eram/foram as mesmas por ele também reportadas como refugiadas da guerra.

Como prolongamento e/ou aprofundamento deste trabalho, uma possibilidade consiste na adoção de uma metodologia também e/ou exclusivamente quantitativa, na qual sejam realizadas entrevistas com uma amostra bastante heterogênea. No caso, para esses respondentes, considerando-se que os áudios vazados contivessem as mesmas afirmações aqui destacadas, mas situadas num cenário que não o de guerra, esse conteúdo sexista produzido como algo “originalmente privado” por parte de um “homem público” desencadearia, possível e/ou provavelmente, uma mesma reação de repúdio? Votar-se-ia a favor de que o seu mandato fosse cassado? E se, no lugar das referências às ucranianas, as mulheres em questão fossem as africanas? Ou brasileiras que, à margem das grandes capitais, ocupam espaços de total desprestígio socioeconômico? Sobre elas, a propósito, o próprio sujeito coletivo já não verbalizaria o mesmo?

No que respeita a essa última questão, trata-se de um viés de investigação ainda bastante atual, especialmente quando se tem em vista que a objetificação sexual da mulher nesses discursos misóginos se fundamenta em idealizações de cunho também racial, conferindo maior “*status*” a mulheres brancas de ascendência europeia – em detrimento de outras, como pretas e indígenas.

Ademais, para além da ampliação da pesquisa dentro da própria Análise do Discurso de linha francesa – respaldada, por exemplo, pela análise do discurso pornográfico a partir de Maingueneau –, outros trabalhos podem vir a ser empreendidos a partir de autores encontrados na própria Psicanálise – a exemplo de Freud, com o seu célebre “Psicologia das Massas”, cujas contribuições respaldariam discussões sobre os modos de coesão e de pertencimento identitário que une “homens comuns” em grupos como o “de futebol”, em analogia ao grupo para quem Do Val enviou as mensagens.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. de. Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: dados do ALIB. In: MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L.; FERREIRA, A. A. G. O. (Orgs.). **Léxico em cena**: contribuições para os estudos lexicais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 125-131. (Série Trilhas Linguísticas, 28).

ARTHUR do Val. *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp)*, São Paulo, [2019]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300611>. Acesso em: 7 abr. 2022.

BAZAN, V. 20 coisas que toda mãe já disse ou vai dizer. **MegaCurioso**, [s. l.], 14 jul. 2019. Estilo de vida. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/humor/70166-20-coisas-que-toda-mae-diz.htm>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BORGES, Stella; AMARAL, Luciana. Arthur do Val desiste de concorrer ao governo de SP após áudios sexistas. **Uol**, São Paulo e Brasília, 5 mar. 2022. Eleições 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/05/arthur-do-val-fala-sobre-pre-candidatura-apos-audio-sexista.htm>. Acesso em: 9 mai. 2023.

CARTA CAPITAL. Em áudios, Arthur do Val tece comentários machistas sobre mulheres ucranianas: 'São fáceis, porque elas são pobres'. **Carta Capital**, [s. l.], 4 mar. 2022. Carta Expressa. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/em-audios-arthur-do-val-tece-comentarios-machistas-sobre-mulheres-ucranianas-sao-faceis-porque-elas-sao-pobres/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CNN. "Foi errado o que falei"; Arthur do Val se desculpa por conteúdo de áudios sobre ucranianas. **CNN Brasil**, São Paulo, 5 mar. 2022. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/foi-errado-o-que-falei-arthur-do-val-fala-de-audios-sobre-ucranianas/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. Ano 16. [s.l.]: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FRANÇA, G. R. A. Entre ditos e não-ditos: a imagem da mulher brasileira no discurso do turismo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385661010_ARQUIVO_GloriadaRessurreicaoAbreuFranca.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MONTEIRO, I. P. R. W.; COUTINHO, A. L. C. Gênero e violência contra a mulher no direito brasileiro: uma análise histórica. *In*: MELO, E. (Org.). **Maternidade e direito** [livro eletrônico]. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. p. 65-76.

MORGA, A. E. Literatura e História: a cumplicidade do desejo contido. **Textos e Debates**, Boa Vista, n. 1, p. 30-45, ago./dez. 1995. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/905/746>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L.; FERREIRA, A. A. G. O. (Orgs.). **Léxico em cena**: contribuições para os estudos lexicais. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2016. 294 p. (Série Trilhas Linguísticas, 28).

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. v. 2, p. 101-139.

NOVAES, C. B.; ROSSI, C. R. O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 52, e185216, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/J6c3s9mqvtLPKkHM6GnTsxG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2022.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PODER360. Ucrânianas “são fáceis porque são pobres”, diz Mamãe Falei. **Poder360**, [s. l.], 4 mar. 2022. Europa em guerra. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres-diz-mamae-falei/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

QUEIROZ, R. C. R. de. As designações para “prostituta” em *Terras do Sem Fim*, obra de Jorge Amado. **Interdisciplinar**, [s. l.], ano XI, v. 24, p. 131-142, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5406/4431>. Acesso em: 22 mar. 2022.

QUEIROZ, R. C. R. de. A Uma análise das unidades fraseológicas em *Terras do Sem Fim*, romance de Jorge Amado. **Polifonia**, Cuiabá (MT), v. 26, n. 41, p. 142-156, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7302>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SABÓIA, G. Relembre declarações com ofensas às mulheres feitas pelo presidente e a família Bolsonaro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 mar. 2022. Política. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SALUSTINO, R. V. da S.; RODRIGUES, H. de F. A ignorância do ciúme: quando a certeza faz duvidar a alma. In: CONGRESSO INTERNACIONAL 2018 DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), 15., 2018, Uberlândia. **Anais eletrônicos** [...]. Uberlândia: Editora ABRALIC, 2018. p. 3.535-3.546. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547735044.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

SANTOS, G. dos. Quando e como começou a Guerra na Ucrânia? Entenda por que Rússia invadiu a Ucrânia neste resumo. **Rádio Jornal Pernambuco**, Pernambuco, 18 out. 2022. Guerra Rússia e Ucrânia. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2022/03/14955067-quando-e-como-comecou-a-guerra-na-ucrania-entenda-por-que-russia-invadiu-a-ucrania-neste-resumo.html>. Acesso em: 11 mai. 2013.

TADEU, V. Entenda o processo que pode levar à cassação do mandato de Arthur do Val. **CNN Brasil**, São Paulo, 9 mar. 2022. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/entenda-o-processo-que-pode-levar-a-cassacao-do-mandato-de-arthur-do-val/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, L. (Org.) **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. 194 p. p. 79-102.

O/A(S) AUTOR(ES/AS)

Iara Mola

Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) sob financiamento da CAPES e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob financiamento do CNPq. Consultora linguística, hoje especialista em Comunicação no Instituto J&F. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4761-903>. E-mail: iamola@gmail.com.